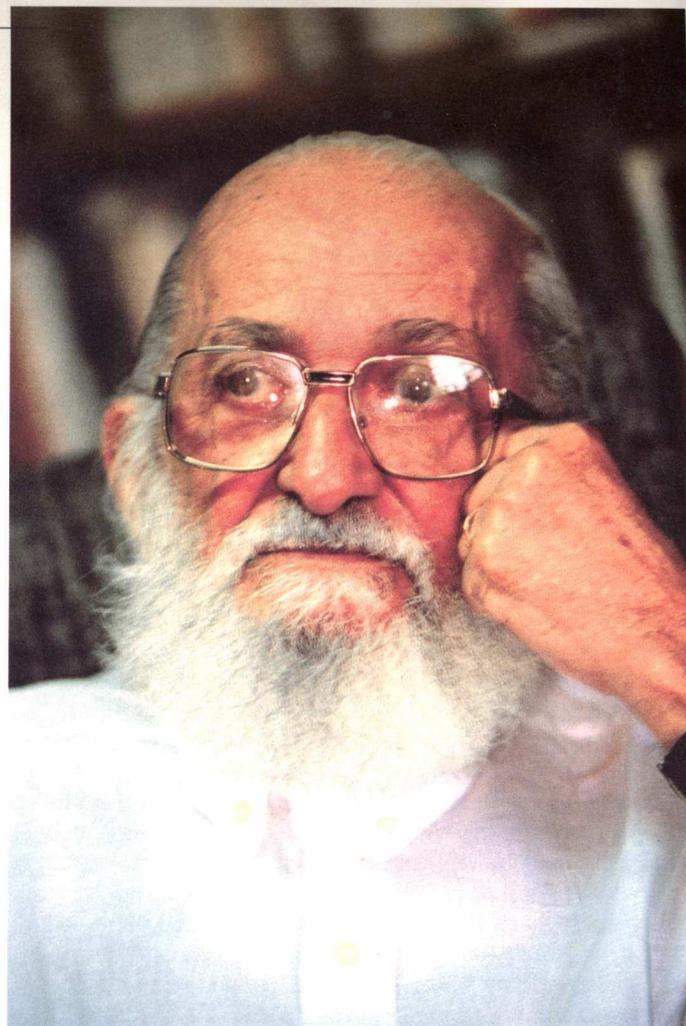


O educador  
Paulo Freire

# Não se pode *ser* sem rebeldia

Para Paulo Freire, a tarefa de pais e educadores é ajudar o adolescente a encontrar um sentido produtivo e criador para a sua rebeldia



Fotos: Guilherme Maranhão

Ana Cecília Sucupira

Aos 75 anos, reconhecido internacionalmente como a maior expressão da pedagogia brasileira, Paulo Freire continua atual e polêmico. Autor de mais de uma centena de obras, traduzidas em 18 idiomas, Paulo Freire também é doutor honoris causa por 28 universidades no Brasil e no mundo, tem uma estátua em sua homenagem numa praça de Estocolmo (Suécia) e é cidadão honorário de Los Angeles (EUA) e de nove cidades brasileiras. Uma delas é Angicos, no Rio Grande do Norte, onde, em 1963, pela primeira vez o "método Paulo Freire" foi levado à prática. Naquela ocasião, 300 adultos foram alfabetizados em 45 dias. As propostas da "pedagogia do oprimido" – que ressaltava a criação da consciência crítica da realidade como o elemento básico da aprendizagem – foram abortadas pelo golpe militar de 1964. Paulo Freire viveu 16 anos no exílio, quando deu aulas em universidades na Europa e nos Estados Unidos, foi assessor da UNESCO e orientou a implantação de diversos projetos de alfabetização pelo mundo.

Para Paulo Freire, suas idéias originais continuam mais atuais do que nunca. Avesso ao discurso neoliberal, cuja proposta pedagógica seria ade-

quar o educando às necessidades do mercado, Freire defende uma educação que parta do senso comum, que respeite o universo social e cultural do aluno, e que incentive a apreensão crítica da realidade e do conhecimento, em vez da simples transferência do

**"De modo geral, as escolas vêm os adolescentes como rebeldes, como possíveis destruidores da ordem. A escola deveria entender melhor o adolescente. E a inteligência melhor do adolescente está na dependência de uma disponibilidade maior de amor por ele"**

saber e da memorização. Para ele, os professores devem continuar brigando por melhores condições de trabalho, e a rebeldia do adolescente deve ser melhor compreendida e canalizada para uma rebeldia criativa que ajude a transformar o mundo. Em novembro

de 1996, Paulo Freire recebeu a **Pais&Teens** para a seguinte entrevista:

**PAIS&TEENS - Como o senhor entende a adolescência?**

**Freire** - De modo geral, eu acho que o adolescente paga por uma série de problemas seus e de problemas que se dizem ser seus. Para mim, uma das preocupações do educador – e quando digo educador, eu estou incluindo não apenas a professora, mas o pai e a mãe também – é lidar, na sua relação com o adolescente, com aquilo que o adolescente lida também. E sobretudo o seguinte: como é que o adolescente está se vendo como tal? Porque a maneira como o adolescente se vê como tal tem muito a ver com a maneira como o adolescente se revê como ser. O momento da adolescência é aquele em que a criança toma conhecimento do seu passado. A criança avalia o que ela vem sendo, o que ela foi como criança. Quanto mais o adolescente rompa com o projeto que foi enquanto criança, tanto mais problemática possivelmente será a sua adolescência. Quanto menos ele gostou de ter sido o que foi, tanto mais ele tende a problematizar-se. Para mim, isso não é um desastre, isso é normal.

**PAIS&TEENS - Nesse sentido, como foi a sua adolescência?**

**Freire** - Os meus últimos livros têm tido muita memória. Isso significa que eu tenho me discutido um pouco, tocado na minha infância, na minha adolescência. E eu tenho observado que eu não tenho experimentado, nos diferentes momentos da minha presença no mundo, rupturas muito substantivas. Eu fui um adolescente problematizado por causa da situação difícil de família que eu tive de enfrentar. Mas eu fui um adolescente muito coerente com o menino anterior, e fui um homem muito coerente com o adolescente, e fui um homem amadurecendo muito coerente com o jovem anterior, e estou sendo um velho coerente com o moço que eu fui. Isso não significa que eu tenha sido muito inteiro – ninguém é –, mas em certo sentido explica a permanência de gostar da vida e gostar do mundo.

**PAIS&TEENS - O que essa questão da continuidade, da coerência, tem a ver com a tarefa educativa?**

**Freire** - Eu acho que isso no mínimo devia ser uma advertência para o professor, a professora, pais e mães, de tanto quanto possível ser ou continuar sendo uma presença afetiva, carinhosa, asseguradora de paz junto ao adolescente-aluno ou ao adolescente-filho. Uma presença que permita ao adolescente, nas suas desconfianças legítimas, um dia se acercar para perguntar, por exemplo, “que menino fui eu?”. E o pai e a mãe discutirem o menino que também foram. Quer dizer, eu acho que em última análise a escola não deveria ser um espaço que pusesse sempre os adolescentes numa espécie de parênteses de contravenções. De modo geral, as escolas vêem os adolescentes como rebeldes e, mais do que como rebeldes, vêem os adolescentes como possíveis destruidores da ordem.

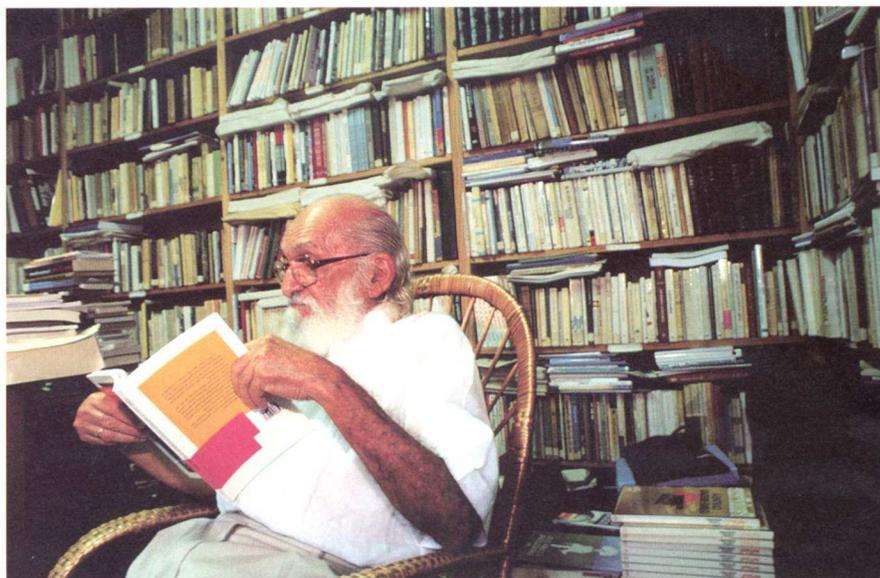
**PAIS&TEENS - Qual a atitude mais coerente do educador frente à rebeldia do adolescente?**

**Freire** - Eu acho que a escola deveria entender melhor o adolescente. E a inteligência melhor do adolescente está na dependência de uma disponibilidade maior de amor por ele. Eu me lembro de quando fui Secretário de Educação da cidade de São Paulo, fiz dois seminários com jovens de doze a treze anos, adolescentes de escolas da rede municipal. Em um desses seminários uma menina de doze anos me olhou e me disse: “Paulo, eu gostaria que minha escola fosse diferente de

minha mãe”. Eu disse: “Muito bem, você acha que a escola parece com sua mãe, e em que é que você gostaria que a escola fosse diferente de sua mãe?”. Ela disse: “Eu gostaria que a escola acreditasse mais em mim, pois minha mãe não acredita. Quando eu saio de casa, ela já pensa coisas, ou ela já me vê assaltada por meninos da minha idade que estarão destruindo a minha

**“Os adultos deveriam compreender melhor que a rebeldia faz parte do processo de autonomia. Não é possível ser sem rebeldia. O grande problema é como amorosamente dar sentido produtivo, criador ao ato rebelde, e não acabar com a rebeldia”**

pureza”. Eu achei lindo isso, uma coisa maravilhosa, e o que eu queria era que ela acreditasse mais em mim, mais nos outros, acreditasse mais na vida, afinal. Eu achei esse discurso da menina uma coisa linda, e que revela as razões por que também os adolescentes se tornam



necessariamente rebeldes. Eu acho que os adultos, pais e professores, deveriam compreender melhor que a rebeldia, afinal, faz parte do processo da autonomia, quer dizer não é possível ser sem rebeldia. O grande problema está em como amorosamente dar sentido produtivo, dar sentido criador ao ato rebelde, e não acabar com a rebeldia. Tem professores que acham que a

única saída para a rebelião, para a rebeldia é a punição, é a castração. Eu confesso que tenho grandes dúvidas em torno da eficácia do castigo. Eu acho que a liberdade não se autentica sem o limite da autoridade, mas o limite que a autoridade se deve propor a si mesma, para propor ao jovem a liberdade, é um limite que necessariamente não se explicita através de castigos. Eu acho que a liberdade precisa de limites, a autoridade inclusive tem a tarefa de propor os limites, mas o que é preciso, ao propor os limites, é propor à liberdade que ela interiorize a necessidade ética do limite, jamais por meio do medo. A liberdade que não faz uma coisa porque teme o castigo não está “eticizando-se”. É preciso que eu aceite a necessidade ética, aí o limite é compromisso e não mais imposição, é assunção. O castigo não faz isso. O castigo pode criar docilidade, silêncio. Mas os silenciados não mudam o mundo.

**PAIS&TEENS - Como o senhor vê a relação entre os problemas disciplinares e o rendimento escolar do adolescente?**

**Freire** - Evidentemente, a questão da disciplina está relacionada ao balanço mais ou menos harmonioso entre a autoridade e as liberdades. Toda vez que esse balanço se desfaz, ele se desfaz em favor de um lado ou de outro. Se o balanço se desfaz em favor da autori-

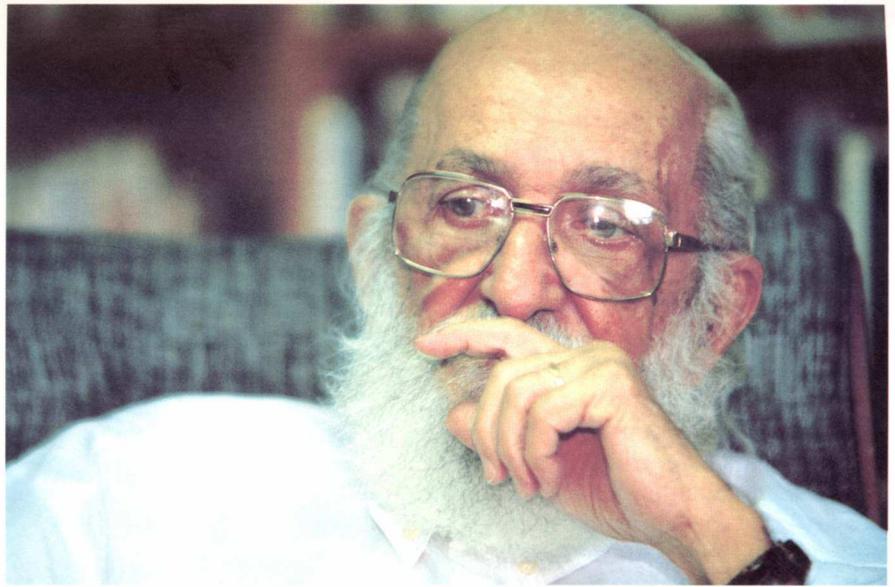
dade, não existe disciplina, o que há é autoritarismo. A experiência autoritária anula a liberdade, mas anula também a própria autoridade. Se o desequilíbrio se desfaz em favor da liberdade, também não existe disciplina, tem-se um clima licencioso, espontaneísta. A liberdade também não é liberdade, e a autoridade se esvazia como tal. Qualquer dessas duas hipóteses – do

**Ana Cecília Sucupira**  
é pediatra, trabalhou com Paulo Freire durante sua gestão como Secretário de Educação do município de São Paulo (1989/91), na atenção à saúde do escolar.

autoritarismo ou da licenciosidade – contribui e contribui mal para um bom processo de aprendizagem e de ensino. Um professor, por exemplo, que não consegue afirmar sua presença pedagógica, séria, a sua autoridade na sala, compromete necessariamente o processo de ensino em que ele é um dos sujeitos. Mas ao comprometer o processo do ensino ele compromete o processo da aprendizagem dos alunos. A mesma coisa se dá então no caso do autoritarismo do professor, em que ele exacerba a sua autoridade. É possível, porém, que do ponto de vista do ensino em si, que a licenciosidade seja mais sacrificadora do que o autoritarismo. Eu digo isso com uma certa dor, porque eu defendo enormemente a liberdade. Eu tenho profundo amor pela liberdade. Mas o que eu quero dizer é que talvez seja menos prejudicial para o aluno a presença de um professor autoritário, mas sério e competente, do que a presença de um professor irresponsável, incompetente e licencioso. Amanhã os ex-alunos daquele professor autoritário se lembrarão dele com respeito, enquanto os ex-alunos do professor licencioso, que nada ensinou, lembrarão desse professor com desrespeito. Isto não significa que eu esteja fazendo a defesa do autoritarismo, mas eu estou fazendo a crítica muito dura da licenciosidade.

**PAIS&TEENS - Por que às vezes se torna tão difícil a relação professor/adolescente?**

**Freire** - Há uma série de descompassos dentro da atividade escolar por parte dos professores e por parte dos alunos. Na verdade, os descompassos nunca são apenas do professor ou do aluno, mas se acham sempre nas relações entre o professor e o aluno. Às vezes, o professor, de um lado, mal pago, cansado, desesperançado, caindo numa rotina em que espera ansiosamente a hora de voltar para casa, não se sente motivado para uma melhor compreensão da crise por que passam certos adolescentes. E quanto menos entendam a problemática da rebeldia do adolescente, por exemplo, tanto mais difícil será para eles lidarem com esta rebeldia. O adolescente, por outro lado, não se acha ajudado para entender a sua própria rebeldia. No fundo o adolescente deve ter possibilidades, deve ter condições na própria atividade docente do professor, para perceber que sua rebeldia, sendo um direito, não pode ser, porém, um fim. Afinal de contas, ele não pode ser a vida toda um rebelde, ele deve ser a vida toda um ser disposto a rebelar-se contra as injustiças do



mundo. Mas ele tem de orientar a própria rebeldia no sentido da construção, no sentido da reconstrução. E isso é uma tarefa precípua do educador e da educadora, do pai e da mãe. É lidar com a possibilidade de desafiar o educando para que ele perceba a necessidade de orientar num bom sentido sua própria rebeldia. Eu confesso que não é fácil isso, não é fácil, mas é possível fazer isso. Eu tenho a impressão de que um bom caminho para professores e pais que têm experiência com adoles-

revistas psicológicas de orientação. Como é que o pai numa situação “A” se saiu com relação a seu filho, o outro pai tem uma situação parecida com aquela e tentou outro caminho e não deu certo ou se deu melhor. Essa troca de experiências possibilita muito o aprofundamento da teoria da própria prática.

**PAIS&TEENS - Como o senhor vê a questão da evasão escolar do adolescente?**

**Freire** - Para mim, o problema não é evasão, é expulsão. As escolas expulsam muito mais do que delas se evadem os alunos. Esse é um problema que tem de ser discutido, criticado, analisado. Em um determinado momento o adolescente descobre – e descobre sofridamente – que a escola não bate com as dúvidas dele, que a escola não corresponde a suas ansiedades. E, tanto quanto ele possa, o adolescente deixa a escola. Até nesses casos eu acho que ele é deixado pela escola. No fundo a escola não se tornou capaz de evitar que o adolescente não encontrasse nada, nenhum sentido nela. Essa é uma das razões, mas há outras razões de natureza pedagógica e de natureza política também. A discriminação de natureza de classe na questão da linguagem. A escola pretendendo impor a sintaxe branca, sintaxe da classe dominante, e o menino da classe trabalhadora sendo criticado, sendo diminuído nos seus textinhos, nos seus trabalhos, riscados com lápis vermelho, levando “três”, levando “zero”. Isso se deve à inabilidade política e à incompetência científica que alguns professores e algumas professoras têm para lidar com a complexidade da linguagem. Na 5ª série, por exemplo, a questão das disciplinas como história, geografia, matemática tem de ser pensada em termos de como melhor trabalhar esses conhecimentos para que

**“A rebeldia, sendo um direito, não pode ser um fim. O adolescente não pode ser a vida toda um rebelde, ele deve ser a vida toda um ser disposto a rebelar-se contra as injustiças do mundo. Isso é uma tarefa precípua do educador, do pai e da mãe: desafiar o adolescente para que perceba a necessidade de orientar num bom sentido sua própria rebeldia”**

centes rebeldes - aqueles que às vezes dão a impressão que não têm mais salvação - são os encontros fraternos em que os pais e os professores conversam sobre as suas dificuldades, com assessoria ou ajuda de algum psicólogo competente. Não “psicologista”, isto é, que não reduza as explicações do mundo à psicologia. Para discutir como é que cada um, face ao problema que está vivendo, vem procurando saídas. Talvez seja melhor do que apenas ler livros ou

eles não se constituam em bichos-papões dos adolescentes. Para que os jovens, afinal de contas, entrem num estado de boas relações com essas matérias e que, em última análise, a escola seja para eles uma razão de alegria e não um sinal de tristeza.

**PAIS&TEENS - Qual o papel da escola, hoje, na vida do adolescente? Qual a sua importância, qual o sentido que a escola tem para o adolescente?**

**Freire** - Para que a escola tenha significação para o adolescente, ela precisa compreender esse momento do adolescente, da sua vida, essa inquietação. Ela tem de compreender não apenas o momento do adolescente, mas o momento histórico em que ela está, as condições históricas e sociais do contexto em que ela está situada. Nós estamos vivendo nos centros urbanos brasileiros mais dinâmicos como São Paulo – uma experiência em que a tecnologia tem de estar presente. Você não pode, diante disso, simplesmente despejar magicamente tecnologia dentro dos prédios das escolas nem tampouco pode negar a presença da tecnologia nas escolas. A questão, portanto, que se coloca não é a de você comprar 3.000 computadores e distribuir pelas 700 escolas da cidade, mas se você tem condições de preparar rigorosamente o magistério que vai mediar, ou que vai colaborar com as crianças para o uso do instrumento tecnológico. A questão, portanto, não é comprar televisores, vídeos e entupir as escolas. A questão que se coloca não é você pretender, por justaposição, a convivência dos alunos com a tecnologia, mas é como você capacita os seus educadores para que eles também se tornem educadores de seu tempo, quer dizer, à altura do seu tempo. Eu acho que um adolescente que hoje está descrente de uma série de valores anteriores e que tem uma possibilidade de ver e saber que há instrumentos tecnológicos que não estão sendo usados pela escola dele, esse adolescente pode, na verdade, perder o interesse pela escola. Mas, sobretudo, eu acho que os adolescentes, principalmente das classes populares, precisam encontrar, na escola, propostas que avivem ou criem sonhos que eles tenham ou que eles não estejam podendo ter, sob pena de que a escola perca significado para eles.

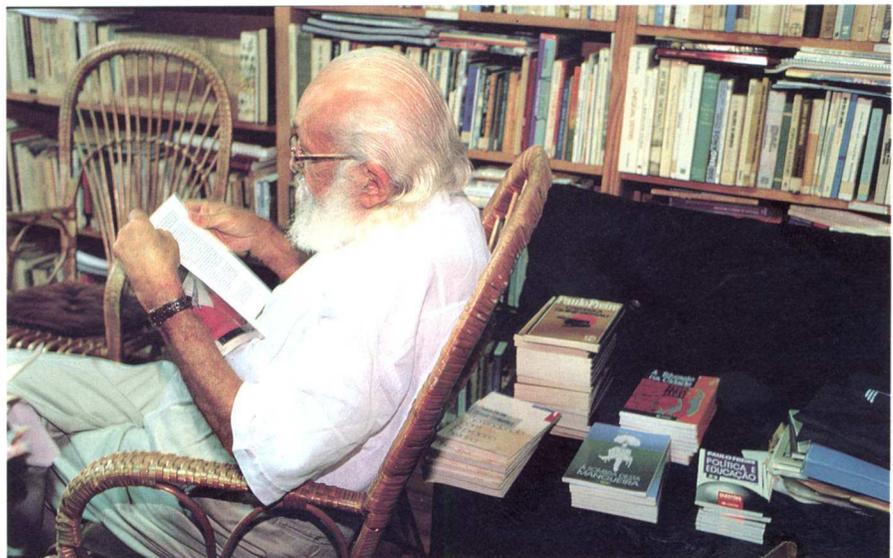
**PAIS&TEENS - A escola que existe hoje no Brasil cumpre esse papel?**

**Freire** - Não, eu acho que preponderantemente não cumpre. E a culpa não é dos professores e das professoras, a culpa é de nós todos, da sociedade civil

brasileira, é nossa. Desde que se inventou a sociedade brasileira, há um desrespeito constante, com exceção de alguns momentos históricos da vida brasileira, à educação no Brasil, aos educadores e às educadoras, o qual se agravou muito nos últimos anos. A culpa é também da sociedade política,

**“O adolescente descobre que a escola não bate com as dúvidas dele, não corresponde a suas ansiedades. Os jovens – principalmente das classes populares – precisam encontrar na escola propostas que avivem ou criem sonhos que eles tenham ou não estejam podendo ter, sob pena de que a escola perca significado para eles”**

do Estado. Hoje ainda se paga, no Nordeste brasileiro, 15 reais a uma professora. E as chamadas professoras leigas, naqueles recantos perdidos do Nordeste brasileiro, ainda pagam de seus 15 reais um giz, por exemplo. Eu acho, inclusive, que as professoras e os professores deste País vêm dando historicamente um testemunho extra-



ordinário de um querer bem enorme às crianças e à sua própria prática ensinante. Às vezes, eu até me pergunto se os presidentes da República, os governadores de Estado, os prefeitos não tiveram mesmo uma professora primária um dia. Porque a impressão que eu tenho é de que eles nunca tiveram uma professora, eles vieram de

outro mundo, de outro planeta. Porque o descaso é total. Quando houve uma grande greve da rede estadual, 150 mil professores de pé ouviram o então governador Fleury dizer: “Os professores têm razão, ganham muito mal, mas eu não tenho dinheiro”. Um dos meus sonhos, que possivelmente eu não vou poder ver, é que dentro de alguns anos nenhum governador possa mais fazer esse discurso. Que esse discurso seja tão imoral quanto, por exemplo, o governador dizer: “Oh, meus senhores e minhas senhoras, que gosto enorme eu tenho de estar nu aqui diante de Vossas Excelências”. Nenhum governador pode dizer uma coisa dessas no Palácio do Governo, porque é inviável esse discurso sobre sua nudez. Pois bem, o meu sonho é que vire tão imoral quanto este aquele outro discurso de que “as professoras têm razão, mas eu não tenho dinheiro”. O que eu quero com isso dizer é que tenho esperança de que os rearranjos do Estado, a reorientação política de gastos públicos neste País seja de tal maneira seriamente conduzida que não seja mais possível pagar ofensivamente salários de 200 reais, que é o valor pago por São Paulo a uma professora iniciante. É preciso que haja um dia uma dúzia de governantes que não tenham nenhum sonho de se reeleger, porque esses e essas terão coragem de fazer insanidades sanas. Eu acredito muito na loucura sadia, como por exemplo, virar o salário de 200 para 800. Eu acho que policial, educador, médico precisam ter um

salário a partir do qual se possa cobrar deles a sua eficácia e a sua decência. Acho que a gente precisa brigar, até os dez primeiros anos que vêm aí do outro milênio, para ver se respeitam-se, neste País, educação, saúde, ordem, disciplina e cultura. Porque do jeito que as coisas vão a gente corre o risco de se entregar à decepção e à desesperança. ■